

Marie-Claude Lambotte

O DISCURSO MELANCÓLICO: da fenomenologia à metapsicologia

TRADUÇÃO

Sandra Regina Felgueiras

COMPANHIA DE FREUD

EDITORIA

Índice

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15
PRIMEIRA PARTE	
A INIBIÇÃO GENERALIZADA; A IMAGEM DO BURACO	25
CAPÍTULO I	
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS PARA UMA ENERGÉTICA DA MELANCOLIA	27
<i>Desde a Antigüidade até nossos dias, um mesmo esquema conceitual não cessou de percorrer as numerosas teorias relativas à melancolia: o esgotamento interno, considerado como a consequência de um mecanismo ideativo excessivo. Da mesma forma, fez-se freqüentemente recurso ao modelo energético dos "vasos comunicantes" para tentar explicitar as relações "inversamente proporcionais" da alma e do corpo. E as noções de "esgotamento nervoso", de "amortecimento psicomotor", de "hemorragia interna" e de "esvaziamento do eu" indicam, todas, um modo de transformação da energia que, com Freud, se tratará como um modo de transformação do afeto próprio à melancolia.</i>	
A melancolia e a transformação do afeto; de Kraepelin a Freud	29
Angústia e melancolia	40
O modelo histórico do "esgotamento nervoso"	44
A noção moderna de "amortecimento psicomotor"	49
CAPÍTULO II	
A TRADIÇÃO ORGANOPSÍQUICA	57
<i>A melancolia se acompanha quase sempre de uma consciência crítica aguda que torna o sujeito capaz de avaliar seu estado e de atribuir a seu mal uma legitimidade racional. "Dor moral" e "anestesia psíquica" compõem, paradoxalmente, o humor melancólico e se manifestam através de um tipo de discurso fragmentário no qual as conexões lógicas predominam sobre as representações e os afetos quase que inexistentes. Reconhece-se na melancolia uma atividade intelectual importante, cuja característica reside na dissociação das representações e na colocação em exergo de um formalismo triunfante.</i>	
Distúrbios da ideação e função crítica	58
Na direção da dissociação das representações	66
A consciência do estado do corpo	74
As duas funções do eu	80
CAPÍTULO III	
A INIBIÇÃO MELANCÓLICA; O FORMALISMO DO DISCURSO	89
<i>Para ilustrar o mecanismo da melancolia e o estado de inibição generalizada que ele provoca, os alienistas alemães utilizaram a imagem do movimento de turbilhão das idéias que escava indefinidamente a interioridade psíquica. "O pensamento sobre o pensamento" oferece o melhor exemplo de um processo de racionalização que tende progressivamente a desvitalizar a experiência vivida do melancólico, e este, a exemplo do sujeito cartesiano face ao gênio maligno, não somente pensa, mas afirma que tudo é necessariamente falsificado.</i>	

CAPÍTULO XII

OS EFEITOS DE UMA VERDADE MUITO PRECOCE 275

O sujeito melancólico nunca se entregou à ilusão egóica, ilusão que constitui em parte o liame social. E se as retomadas identificatórias perdem sua convicção no curso do trabalho do tratamento analítico, é em um tempo pré-especular que elas puderam assegurar ao sujeito melancólico a convicção enganadora, no entanto vital, da identidade. À maneira de identidade emprestada, o sujeito faz cair sobre os outros a impossível efígie do modelo ideal ao qual ele se refere; e o inevitável fracasso ou traição que disso resulta prolonga o efeito da catástrofe original que ele não cessa de evocar sob a cobertura do Destino de que ele depende inteiramente. Votado ao fracasso do desejo, antes mesmo que este o dirija para um objeto exterior, o melancólico afirma a castração de maneira absoluta e recusa, em sua essência mesma, a natureza imperfeita de todo investimento.

Função e estatuto da ilusão	276
O olho e o olhar	284
Aquém da intencionalidade	293

CAPÍTULO XIII

ATRÁS DO ESPELHO; A PROBLEMÁTICA DAS BORDAS 301

A figura topológica da organização melancólica, mais que ao vazio, concerniria às bordas do buraco escavado pelo efeito de turbilhão interno do pensamento formal. Sozinho, o traçado das bordas chega para manter uma palavra que afirma a identificação ao nada em relação a um efeito de gozo mortífero, excluído da referência simbólica. O sujeito melancólico se inscreve, conseqüentemente, na perda irremediável de algo que não tem representação. Ele não pede nada e, ocupando o lugar da falta, não experimenta nem mesmo a angústia que sublinha a inadequação natural da resposta necessariamente falsa à demanda necessariamente enganadora.

Os limites garantidores da angústia	302
O nada como tradução da sideração	310
A sombra do gozo absoluto	319
O registro inerte do real	326

TERCEIRA PARTE

O NEGATIVISMO SISTEMATIZADO; O RACIOCÍNIO CIRCULAR ... 335

CAPÍTULO XIV

UM PARADOXO: A AFIRMAÇÃO DA NEGAÇÃO 337

A compulsão a negar do sujeito melancólico traduz os avatares narcísicos da falha especular e exprime o rechaço de todo objeto suscetível de apagar a referência ideal que assegura uma pseudo-identidade. Ela representa um modo de defesa muito primária contra os investimentos que fazem reviver para o sujeito uma experiência traumática nos confins do biológico e do psíquico de que ele não guarda nenhuma representação. O sujeito melancólico não nega as possibilidades de investimento da realidade, mas afirma que elas não lhe são destinadas; elas não poderiam revestir-se de nenhum interesse em comparação com a verdade que ele acredita deter a título excepcional. O negativismo evita para o sujeito o agir da morte, mantendo entre ele e a realidade o lugar do conceito, cujo papel consiste em prevenir toda "paixão" eventual.

Afirmar o nada a título de identidade	338
Na direção de uma patologia do traumatismo	346
A forma melancólica do negativismo	355

CAPÍTULO XV

A FUNÇÃO DEFENSIVA DO NEGATIVISMO	371
<i>O aspecto defensivo do negativismo repousa na identificação ao próprio processo que conserva, para o sujeito, uma relação com o objeto, a saber: sua desapareição e o nada que disso resulta. O sujeito repete o processo de desvanecimento do desejo e se identifica ao nada em relação a algo que poderia ter advindo. A deserção do desejo do Outro a seu respeito coloca a questão da mescla pulsional e da insuficiente neutralização da pulsão de morte.</i>	
O discurso do “estar-já-morto”	373
Fazer-se desaparecer	383
A impossível união pulsional	392

CAPÍTULO XVI

O GOZO DO ANIQUILAMENTO	401
<i>O prazer do sujeito melancólico resulta do colocar em atividade o processo de rechaço expresso no negativismo. Como prazer do órgão auto-erótico, ligado à zona bucal, ele indica ainda o corpo estranho a expulsar ao qual o sujeito começava a se identificar. E a identificação ao nada que a desapareição do outro detona marca, para o sujeito, a entrada na cadeia significante, autenticando sua relação ao Outro sob o signo do negativo. O sujeito, então, toma a si o assassinato do outro, a autodestruição do objeto de amor face à qual sua impotência o torna para sempre culpável. A instância superegórica se constitui, assim, sob o modelo de um primeiro objeto de amor desafetivizado que não pára de pedir satisfação ao eu pelo suicídio do objeto.</i>	
Função da nostalgia na economia melancólica	403
O prazer regressivo do trauma	411
O masoquismo ou a erotização da falta	419

CAPÍTULO XVII

UMA LÓGICA DO DESMENTIDO	433
<i>O sujeito melancólico não “renega” [dénie] o mundo e suas possibilidades de gozo; ele “renega” que elas possam afetá-lo no que quer que seja. Trata-se de uma “renegação de intenção” que repousa em um processo antipredicativo de expulsão, como poderia indicar a análise do julgamento de existência em F. Brentano, e os dois sentidos da palavra “verwerfen” em Freud. O sujeito afirma muito mais a castração do que não quer saber nada disso; reconhece-a absolutamente, muito mais que a renega. E o discurso melancólico surge como um discurso que nega a si mesmo, que se autodestrói, e que impede que o raciocínio prossiga além da consequência imediata da retirada do sentido.</i>	
A negação melancólica: uma renegação de intenção	434
Os dois sentidos do termo “verwerfen”	446
Fundamento fenomenológico da lógica negativa	458

CAPÍTULO XVIII

A ALTERNATIVA MELANCÓLICA OU O QUE A NEGAÇÃO DEVE À MORTE	469
<i>A identificação ao nada no plano simbólico leva o sujeito melancólico a “preencher” o conceito com o que poderia corresponder-lhe na realidade, até a sua própria eliminação. O sujeito reuniria, pelo suicídio, o signo da presença do objeto na negatividade de sua manifestação. E renegar que a realidade possa concernir-lhe no que quer que seja o leva a investir isto frente a que a realidade marca limites, isto é, o gozo mortífero de um objeto essencialmente nostálgico.</i>	
Visar à negatividade do objeto	470
O suicídio na busca do prazer absoluto	479
O nada ou a morte do Outro	487

CAPÍTULO XIX

NEM NEUROSE, NEM PSICOSE	499
<i>A formação do símbolo, indissociavelmente ligada ao automatismo de expulsão no funcionamento psíquico melancólico, deu lugar, portanto, ao modo específico de expressão que é a “renegação de intenção”, modo de expressão que invalida a priori toda possibilidade de investimento. A afirmação da castração “selou” toda a realidade a ponto de tornar derrisória qualquer narrativa. E o que se encontraria, a partir disso, “rechaçado”, no sentido da forclusão lacaniana, seria da ordem de uma função cuja ausência se marca por uma incapacidade de elaborar um modo de relação com o objeto que não seja de proximidade imediata e de transparência absoluta. Nem neurose, nem psicose, a melancolia, pela figura original da castração que ela apresenta, aparenta-se às “neuroses narcísicas”, na categoria das quais Freud, em 1924, devidamente a posicionou.</i>	

O “movimento de travessia” do real	500
A afirmação da castração	508

CAPÍTULO XX

O DESTINO OU A FALTA ORIGINAL	517
<i>O caráter excessivo da frustração faz com que o sujeito melancólico, ulteriormente marcado pelo selo da castração simbólica, não cesse de trucá-la em uma realidade votada a nada figurar dela senão a prova tangível. O Destino assume, relativamente ao discurso, o mesmo papel que o nada relativamente à simbolização primordial que posicionou o sujeito sob a égide do significante. Ele vem na posição de um pai imaginário e permite ao sujeito, desta forma, justificar sua posição em uma trama lógica e sustentar um discurso cujo principal argumento visa à falha do pai real. Diferentemente da introjeção do supereu edipiano que alimenta a culpabilidade obsessiva, a culpabilidade melancólica deriva do supereu arcaico, do tempo em que o ato não diferia ainda da intenção e não se poderia dizer antes de sua execução. Igualmente, a exemplo de Hamlet, o melancólico retoma à sua conta a falta original, mítica, sob os auspícios do Destino que o fez enxergar muito cedo a verdade mortífera do logro da identidade.</i>	

A substituição do imaginário pelo destino	517
O legado do supereu mítico	523

CONCLUSÃO	539
-----------------	-----